



**SATURNINO ROSA** mudou para o bairro motivado pela paixão. Conheceu sua mulher na quadra de uma antiga escola de samba e, para ficar perto dela, mudou-se para Santa Luzia

A TRIBUNA COM VOCÊ EM SANTA LUZIA

# Morador já fez mais de 20 sambas-enredo

**Satur é compositor de músicas premiadas no Carnaval capixaba e anima a galera puxando o bloco Seu Boneco**

Rayza Fontes

**A** apaixonado pela folia, o almojarife Saturnino Rosa de Oliveira, 59 anos, é também compositor e intérprete de samba-enredo.

Morador de Santa Luzia, em Cariacica, desde 1991, ele é a voz do bloco Seu Boneco, que arrastou 3.600 foliões no Carnaval deste ano, em Campo Grande.

“Eu e meu parceiro Zalém, de Vitória, já colocamos mais de 20 músicas só no Carnaval de Vitória. Sem contar, é claro, as que não foram usadas oficialmente. É

até difícil precisar um número de composições. Mas campeãs mesmo, em escolas diferentes, foram 13”, contou Saturnino, conhecido em Santa Luzia como Satur.

Ex-morador de Maruípe, em Vitória, o sambista chegou ao bairro motivado pela paixão.

Conheceu sua mulher na quadra da antiga escola de samba Independente de Eucalipto e, para ficar perto dela, mudou-se para Santa Luzia.

“Minha mulher morava aqui e eu acabei vindo para o bairro também. Era terrível no começo. Quando parecia que o bairro ia melhorar, regredia. Se precisasse fazer compras ou de algum remédio, só andando, e muito. Quando vejo o bairro como está agora, percebo como melhorou”, contou.

Sobre o bloco Seu Boneco, que existe há 4 anos e foi uma fusão de blocos antigos, o puxador dos foliões explicou a origem do nome:

uma homenagem a um antigo morador que morreu, que imitava o personagem televisivo de nome Seu Boneco. Em dois carnavais, o bloco cresceu e chamou a atenção.

Para Satur, a mensagem de paz trouxe mais pessoas para brincar no Seu Boneco.

“O nosso bloco prega a paz e a harmonia. É muito bem organizado e acolhedor. Todos os novos foliões são recebidos de braços abertos”, destacou.

A escola de samba Novo Império, de Caratoira, em Vitória, é a paixão do intérprete, que diz ter sido lá a sua escola.

Apaixonado pelo ritmo, ele busca influência nos clássicos e escuta todos os ritmos.

“Eu sou eclético, gosto de tudo. Samba está no sangue. Eu adoro os pioneiros Cartola, Noel Rosa e tem também o Zeca Pagodinho, que eu sou fã, e o Arlindo Cruz.”

## HISTÓRIA DO BAIRRO

### Mudança de nome

> **ORIGINADO** de um loteamento, o bairro teve como primeiro nome Schwamb, como era conhecida a antiga fazenda que ficava no local.

> **FUNDADO** em 1985, o bairro recebeu Porto Belo II como nome oficial, mas em 2013, após uma junção de regiões, passou a chamar-se Santa Luzia.

> **AS PRIMEIRAS** casas foram entregues antes que a infraestrutura básica como rede de água, esgoto e energia elétrica estivessem prontas. As ruas também não estavam pavimentadas, o que impedia o transporte coletivo de chegar.

> **APÓS MELHORIAS** na região, moradores agora aguardam uma creche e área de lazer.

## COMO FAZER CONTATO

### Sugira uma reportagem

Os moradores de Santa Luzia, em Cariacica, podem reivindicar melhorias e sugerir reportagens sobre o bairro enviando um e-mail para [atcomvoce@redetri-buna.com.br](mailto:atcomvoce@redetri-buna.com.br). Quem é de outro bairro pode sugerir uma visita de **A Tribuna com Você** ao local no mesmo e-mail.

## AS RECORDAÇÕES



**ANTÔNIO** tem boas lembranças

### Tatu na porta de casa

Natural de Itabira (MG), o aposentado Antônio Lisboa dos Santos, 68, mora em Santa Luzia há 29 anos. Embora tenha sofrido com a falta de água nos primeiros anos, Antônio não tem vontade de morar em nenhum outro lugar.

Uma memória que ele tem da vida em Cariacica são os tatus, que eram abundantes na região.

“A minha casa era cercada por mato, sem vizinhos. Sempre lembro dos tatus, que praticamente entravam nas casas”, disse ele.



**EDIR** ajudou a construir igrejas

### Carpinteiro fez igrejas

Morador do bairro há 28 anos, o carpinteiro recém-aposentado Edir Alves Mendes, 63, viu a vizinhança crescer e contribuiu para o desenvolvimento de Santa Luzia, já que foi responsável pela construção de várias casas e até igrejas na região.

“Quando eu mudei, eram só três casinhas de madeira na minha rua. Não tinha energia e água, mas o pior era a estrada. Não passava carro, nem caminhão. Compras só eram feitas a pé, em Campo Grande. Cheguei a andar quilômetros carregando um saco de cimento”, lembrou ele, que hoje se orgulha do desenvolvimento do lugar.